

---

**CASTRO, Andreia Alves Monteiro de.**  
***Crimes, realidades e ficções: a representação***  
**do criminoso na literatura e na imprensa**  
**oitocentista. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2021**

Sérgio Nazar David

Universidade do Estado do Rio de Janeiro/FAPERJ/CNPq

**Doi**

<https://doi.org/10.37508/rcl.2022.n47a489>

O livro *Crimes, realidades e ficções: a representação do criminoso na literatura e na imprensa oitocentista*, de Andreia Alves Monteiro de Castro (Rio de Janeiro, EdUERJ, 2021), ao recortar, como objeto de análise, na imprensa portuguesa de Oitocentos, alguns episódios de grande repercussão do noticiário criminal, interpretando-os em confronto com a literatura, nomeadamente, *Os mistérios de Lisboa* (1854) e *Memórias do cárcere* (1862), de Camilo Castelo Branco, e *Os mistérios do Porto* (1890-1891), de Gervásio Lobato, traz valiosa contribuição ao campo dos estudos portugueses.

Destaca-se, em primeiríssimo lugar, a possibilidade que se abre ao leitor de ver a literatura – e a portuguesa é um caso entre outros – oitocentista, com os escritores que a integram, como um conjunto de máxima atenção aos dramas maiores de seu tempo. Os novos ares

da democracia liberal, pondo por terra os pilares do Antigo Regime, forjaram no senso comum burguês e letrado um misto de entusiasmo e de temor perante as enormes mudanças sociais em curso. Os crimes e o que sobre eles se diz e escreve são sintomas de algo que, na vida psíquica, permanece intocado pelos governos e sistemas civilizatórios. Andreia Castro escolheu a imprensa e as obras de Camilo e de Gervásio Lobato para, de modo exemplar, lançar um vigoroso inquérito sobre as falsas premissas do escapismo e do sentimentalismo como estratégias para agarrar o leitor. A verdade parece estar um pouco mais além e nisto reside a especificidade do discurso literário. O leitor estava em transformação e, portanto, também em formação. Recebia o que estava no seu horizonte de expectativas, mas recebia também o novo, o singular, que por vezes – sobretudo para os olhos menos atentos do século XXI – parece irreal. Mas não é. Camilo e Gervásio Lobato foram, de fato, afetados pelos grandes dramas humanos que irrompem, com uma conformação que obviamente tem a ver com circunstâncias epocais, nos episódios criminais e, através do discurso literário, emprestam-lhes invulgar interpretação.

Um segundo aspecto a ser sublinhado é o ponto de interrogação que as obras literárias em exame põem sobre uma suposta instância punitiva humana ou divina. Nesse sentido, o papel da literatura, para degradar ou regenerar o leitor, resulta comprometido, se não apagado. Se Deus não premia nem castiga, se a literatura não melhora nem piora o homem, também uma vida pautada na contenção dos impulsos ou na acumulação de bens e no trabalho é impossível. Em algum momento, o desejo recalcado retorna à cena. É também sobre esse insistente retorno o livro de Andreia Castro.

Um terceiro e último aspecto a destacar é que *Crimes, realidades e ficções* nos permite acompanhar a execução de um método de abordagem da literatura, com os seus discursos afins, muito profícuo. No caso do autor de *Amor de perdição*, por exemplo, somos surpreendi-

dos, com farta demonstração analítica compulsada, por certo tipo de troca de sinais: como literato, Camilo documenta o que a imprensa insiste em ocultar, os crimes legais da vida burguesa, fora do alcance dos sistemas de regulação e de punição; já como periodista, vale-se do seu prestígio de literato para mostrar o quanto todos estão sujeitos e assujeitados por forças interiores poderosas que podem levar a um ato extremo de violência. O ponto de vista do narrador camiliano, de compaixão perante as fraquezas humanas, alcança o texto jornalístico. Efetivamente esta verdade, intolerável aos olhos dos nossos antepassados burgueses, ganhou as páginas dos livros e dos jornais, mas nunca sem meias tintas, nunca sem algumas doses de ironia e melancolia. Freud lembrará mais tarde, em *O mal-estar na civilização*, que o verniz civilizatório é frágil e pode se romper a qualquer momento. Camilo registrará simplesmente que somos todos feitos do mesmo barro imperfeito.

**RECEBIDO:** 19/04/2022      **APROVADO:** 29/04/2022

#### REFERÊNCIAS

CASTELO BRANCO, Camilo. *Memórias do cárcere*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2001.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Amor de perdição: memórias duma família*. pref. e fixação texto Aníbal Pinto de Castro. Porto: Caixotim, 2006.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Os mistérios de Lisboa*. Lisboa: Relógios D'água, 2010.

CASTRO, Andreia Alves Monteiro de. *Crimes, realidades e ficções: a representação do criminoso na literatura e na imprensa oitocentista*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2021.

FREUD, Sigmund. (1929 -1930). *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

LOBATO, Gervásio. *Os Mistérios do Porto*. Porto: Empreza Litteraria e Typographica, 1890-1891.

### **MINICURRÍCULO**

SÉRGIO NAZAR DAVID é Professor Titular de Literatura Portuguesa (UERJ) e bolsista FAPERJ (Cientista do Nosso Estado). Presidiu a Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP) no biênio 2020-2021. É membro do Centro de Literatura Portuguesa (CLP) da Universidade de Coimbra (Equipe Garrett) e do Conselho Cultural da Fundação Eça de Queiroz (Portugal). Autor de diversos artigos, ensaios e livros, com destaque para *O Século de Silvestre da Silva - Vol. I - Estudos sobre Garrett, A. P. Lopes de Mendonça, Camilo Castelo Branco e Júlio Dinis* (ensaio, Lisboa, Editora Prefácio, 2007), *O Século de Silvestre da Silva - Vol. II - Estudos Queirosianos* (ensaio, 7Letras, 2007) e *O Olho e Mão* (poesia, 7Letras, 2018, com Ana Marques Gastão). Organizador das edições críticas de: *Cartas de Amor à Viscondessa da Luz* (RJ, 7Letras, 2004 - Famalicão, Edições Quasi, 2007), *Correspondência Familiar* (Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2012 - Menção Honrosa / Prémio Grémio Literário de Lisboa, 2012); *Correspondência para Rodrigo da Fonseca Magalhães* (Lisboa, Imprensa Nacional, 2016 - Menção Honrosa / Prémio Grémio Literário de Lisboa, 2016); e *Filipa de Vilhena / A Sobrinha do Marquês* (Lisboa, Imprensa Nacional, 2020), de Almeida Garrett. É consultor científico do CNPq, da CAPES e da FAPERJ.